

**Uma montanha,
dois caubóis e um segredo:
um debate sobre gênero e masculinidades**

*A mountain, two cowboys and a secret:
a debate on gender and masculinities*

Guilherme Passamani

*Doutorando em Ciências Sociais
Professor de Ciências Sociais da Universidade
Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS
grpassamani@gmail.com*

12

Resumo

O presente artigo procura fazer uma análise socioantropológica da obra cinematográfica *Brokeback Mountain* (2005), traduzida no Brasil como *O segredo de Brokeback Mountain*. O filme origina-se de um conto de Annie Proulx e foi dirigido por Ang Lee. O interesse de nossa análise recai sobre as questões de gênero e masculinidades suscitadas a partir de uma relação amorosa entre dois caubóis, personagens centrais da obra. Performances de gênero, homossexualidades masculinas em contextos rurais bem como a tensão entre masculinidades hegemônicas e subalternas desdobrando-se em comportamentos marcados pelo machismo são alguns dos elementos que se destacam na abordagem analítica empreendida a fim de compreender como códigos culturais e morais encarregam-se de estabelecer normas e valores que se tornam cristalizados e naturalizados.

Palavras-chave: Gênero. Masculinidades. Homossexualidades. Machismo. Caubóis.

Abstract

This article aims to make a socio-anthropological analysis of the movie *Brokeback Mountain* (2005), translated into Brazilian Portuguese as *O segredo de Brokeback Mountain*. The film comes from a short story written by Annie Proulx, and it was directed by Ang Lee. The interest of our analysis takes place on the issues of gender and masculinities aroused from an affair between two cowboys, the main characters of the work. Gender performances, male homosexualities in rural area as well as the tension between hegemonic and subordinate masculinities, turning into behaviors marked by machismo are some of the elements highlighted in this analytical approach, undertaken in order to understand how cultural and moral codes are in charge of establishing norms and values that become crystallized and naturalized.

Keywords: Gender. Masculinities. Homosexualities. Sexism. Cowboys.

Introdução

Este texto buscar discutir questões de gênero e masculinidades presentes no filme *Brokeback Mountain*, película baseada no conto de Annie Proulx. O conto dos caubóis foi publicado em 1997 na revista *The New Yorker* e depois compôs a antologia *Close Range: Wyoming Stories*, editada em 1999. A adaptação para o cinema ficou a cargo da equipe capitaneada pelo diretor Ang Lee.

Em linhas muito gerais, pode-se dizer que o filme conta uma história de amor. Uma história de amor, talvez, compreendida como não exatamente convencional, uma vez que narra a paixão vivida por dois homens, dois caubóis. As personagens principais beijam-se, transam, trocam carícias e juras de amor. Nada incomum de se ver na grande tela, não fossem elas dois homens. Sob essa particularidade, o amor entre dois homens, é que este texto pretende se debruçar.

Em um primeiro momento, busco olhar a história dos caubóis a partir do que as Ciências Sociais apresentam como contribuição para pensar as masculinidades. Entendo que o filme abre essa possibilidade, uma vez que as personagens principais inserem-se em um ideal de masculinidade ocidental, adornado por virilidade, rudeza e força.

Em um segundo momento, tento agregar à discussão de masculinidade a problemática de gênero presente nas Ciências Sociais, especialmente na Antropologia de autoras feministas, notadamente pós-estruturalistas estadunidenses. Essa reflexão ajuda a compreender a criação de normas para que gênero e sexualidade tornem-se inteligíveis a partir de uma suposta superioridade natural da heterossexualidade.

Machos, viris e amantes

O filme começa nos anos sessenta, especificamente em 1963, nas planícies do Wyoming, onde dois rancheiros vão cuidar de um rebanho de ovelhas na montanha *Brokeback*. A rotina e as más condições de sobrevivência foram aproximando os dois caubóis. A aproximação, a amizade e a intimidade acabaram por fazê-los amantes, a partir de uma noite de sexo na madrugada fria. Os dois homens entregam-se ao desejo e fazem sexo. No dia seguinte, como naqueles dias de bebeira em que muitos dizem: “Não fiz nada”, “Não lembro”, “Não foi bem assim”, Ennis e Jack mal conseguem se encarar.

Brokeback Mountain permite pensar diferentes realidades culturais e universos complexos que se encarregam de edificar valores e normas no que

tange, por exemplo, à construção das masculinidades. Há no filme uma clara antítese entre cidade e campo, zona urbana e zona rural.

Nas pequenas cidades do interior – cenários destacados no filme –, as pessoas estão muito mais próximas umas das outras e as possibilidades de “perder-se na multidão” e tornar-se um anônimo são bastante raras, sendo uma situação muito mais corriqueira em uma grande cidade, seja pelo ritmo da vida na metrópole, seja pelo distanciamento da cidade de origem, o que pode significar, em alguns casos, um distanciamento da família e de todo um sistema de controle instituído. O mundo rural destacado pela lente de Ang Lee é um lugar dominado por uma cultura centrada no masculino.

Assistir ao filme pode remeter às teorias de Michel Foucault, especialmente à obra *Vigiar e Punir* (1987), na qual o autor faz um minucioso estudo reflexivo acerca da história de violência presente nas instituições disciplinares, em que seu exemplo recai sobre as penitenciárias. Nessas instituições criam-se regras próprias, algumas vezes, distantes do mundo externo, configurando-se como um mundo à parte.

Na perspectiva foucaultiana, o poder não é uma propriedade, um bem que alguém possua. Ele é uma rede complexa de relações e, mais do que punitivo, é constitutivo e capilarizado. Ele cria, executa e pune. Além disso, trata-se de um poder vigilante. O adestramento dos sujeitos é fundamental a fim de transformá-los em corpos dóceis e disciplinados (FOUCAULT, 1987).

Esse arcabouço é idealizado para que uma *ordem social* siga em vigor e para que as patologias (no sentido durkheiminiano) não se tornem a regra. Logo é preciso controlar as práticas ilícitas, ou aquilo que se entende por ilícito ou indesejado:

É, portanto, necessário controlar e codificar todas essas práticas ilícitas. É preciso que as infrações sejam bem definidas e punidas com segurança, que nessa massa de irregularidades toleradas e sancionadas de maneira descontínua com ostentação sem igual seja determinado que é infração intolerável, e que lhe seja infligido castigo de que ela não poderá escapar (FOUCAULT, 1987, p.73).

Foucault mostra que o corpo é o alvo final e o lugar de exercício por excelência do poder¹. É no corpo, em última análise, que o poder se manifesta. Segundo Foucault, forma-se uma *política das coerções*, ou seja:

¹ Para maiores informações a respeito do corpo enquanto objeto de análise das Ciências Sociais, ver: MAUSS, M. Técnicas do corpo. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974. LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006, entre outros.

Um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer (FOUCAULT, 1987, p. 119).

Talvez de nenhuma forma a proposta de Foucault a respeito da disciplina e da punição tenha sido mais bem exemplificada do que quando ele se reporta ao modelo *panóptico* de Jeremy Bentham. Tal modelo serviria para uma eficiente vigilância dos presos a todo instante. Respeitando as devidas proporções, o mundo dos caubóis é um espaço de controle, vigilância e disciplina. Há uma ordem normalizadora para os comportamentos, sobretudo quando se fala em sexualidade, em que ainda vigora uma lógica de família heterossexual, patriarcal, monogâmica e nuclear.

Por conta desse ideal disciplinar, acabam sendo idealizadas, tal como propõe Michael Kimmel (1998), masculinidades hegemônicas e subalternas. Entretanto, em algumas sociedades, a disciplina ultrapassa os limites sociais e consegue transformar-se em algo intrínseco ao sujeito, em que as masculinidades funcionam como mecanismos muito fortes de pressão frente a uma norma estabelecida, via de regra, que desprivilegia as homossexualidades. Kimmel (1998, p. 105) destaca que

[...] as masculinidades são socialmente construídas, e não uma propriedade de algum tipo de essência eterna, nem mítica, tampouco biológica. Pressuponho que masculinidades (1) variam de cultura para cultura, (2) variam em qualquer cultura no transcorrer de um certo período de tempo, (3) variam em qualquer cultura através de um conjunto de outras variáveis, outros lugares potenciais de identidade e (4) variam no decorrer da vida de qualquer homem individual. [...] dois dos elementos constitutivos na construção social de masculinidades são o sexismo e a homofobia.

Existem diversas formas de representação das masculinidades dentro de uma mesma cultura e muitas masculinidades em culturas distintas. Dito de outro modo, há formas distintas de ser masculino. O problema reside em adotar-se uma forma de masculinidade, de delinear um comportamento como

o comportamento masculino ideal e a partir dele iniciar uma série de podas e castrações para todo e qualquer comportamento tido como dissidente. Robert Connell² entende que existe uma hegemonia de gênero, mas isso não pode se transformar em totalitarismo de gênero. O autor percebe que

[...] toda cultura tem uma definição de conduta e dos sentimentos apropriados para os homens. Os rapazes são pressionados a agir e dessa forma se distanciam do comportamento das mulheres, das garotas e da feminilidade, compreendidas como o oposto. A pressão em favor da conformidade vem das famílias, das escolas, dos grupos de colegas, da mídia, e finalmente, dos empregadores. A maior parte dos rapazes internaliza essa norma social e adota maneiras e interesses masculinos, tendo como custo, frequentemente, a repressão de seus sentimentos. Esforçar-se de forma demasiadamente árdua para corresponder à norma masculina pode levar à violência ou à crise pessoal e dificuldades nas relações com as mulheres (CONNELL, 1995, p. 190).

As masculinidades devem ser vistas como relacionais e como projetos coletivos e individuais que não se resolvem ou se completam já no nascimento do indivíduo, através de uma compartimentação entre cores para roupas dos bebês, por exemplo. Como referido acima, as masculinidades são processos e como processos elas estão em constante construção e reconstrução. Ainda assim, em grande parte de uma suposta cultura ocidental tem-se reeditado a figura do homem viril, macho, heterossexual e homofóbico como a forma hegemônica de masculinidade.

Nesse sentido, o filme é sintomático ao apresentar as expectativas sociais frente a um comportamento heterossexual compulsório ainda na infância. Evoco a cena do filme em que Ennis conta a Jack que eles nunca poderão viver juntos, pois o amor de dois rancheiros seria punido com severidade pelos outros homens do lugar. Para ilustrar essa fala, o caubói conta uma passagem de sua infância em que seu pai o leva para ver o corpo de um homem, que vivia com outro e foi assassinado com requintes de crueldade. Ele foi arrastado pela cidade, agredido brutalmente e teve o pênis decepado. Aquela imagem ilustra o destino, na percepção de Ennis, reservado a todos que

² Connell (1995, p. 188) entende por masculinidade *uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero*. Isto é, trata-se de uma ação e não algo pensado ou imaginado. Quando o autor fala em posição dos homens, expõe a situação relacional da masculinidade. E, ao referir-se a gênero, ele vai além de interfaces homem-mulher, abarcando a sociedade como um todo, onde transita a categoria gênero.

transgridem certa moral social que atribuiu a esse tipo de relacionamento um lugar mesmo de abjeção (BUTLER, 2003).

Talvez esse ideal de masculinidade possa desdobrar-se em comportamentos comumente associados ao machismo. Segundo Marina Castañeda (2006, p. 16):

O machismo pode ser definido como um conjunto de crenças, atitudes e condutas que repousam sobre duas ideias básicas: por um lado, a polarização dos sexos, isto é, uma contraposição do masculino e do feminino segundo a qual são não apenas diferentes, mas mutuamente excludentes; por outro, a superioridade do masculino nas áreas que os homens consideram importantes. Assim, o machismo engloba uma série de definições sobre o que significa ser homem e ser mulher, bem como toda uma forma de vida baseada nele.

Para Castañeda (2006), existe todo um sistema que se encarrega de dar corpo e sustentação ao machismo. Esse sistema torna a diferença entre os sexos uma questão maior, tão maior que chega a ser excludente. Além disso, no machismo há a construção da hierarquização entre os sexos a partir de uma lógica cultural que privilegia o masculino em detrimento do feminino e de tudo aquilo que dele se aproximar.

O tipo de masculinidade aparentemente presente no filme e no qual, inclusive, inserem-se as personagens principais parece estar associado ao machismo. Ela apresenta-se como uma masculinidade tão nociva quanto hegemônica na contemporaneidade. Não apenas se estabelece como normativa, mas também como excludente, uma vez que torna desacreditáveis e depreciáveis as masculinidades não hegemônicas e todo o rol de feminilidades.

Uma cultura machista cria uma diferenciação psicológica profunda entre mulheres e homens. Ao fazer isso, setoriza a vida em espaços exclusivos para umas e outros, sendo impossível – ou quase – transitar entre esses meios. Essas delimitações podem ter impactos subjetivos profundos nos sujeitos na medida em que impõem barreiras até no mundo das emoções, como a velha máxima do *homem não chora*, por exemplo, a qual moldou o comportamento taciturno, calado e *durão* de Ennis Del Mar.

O legado da cultura machista é muito claro: não basta ser homem, é preciso ser mais homem que a maioria dos homens. É preciso destacar-se entre os machos da espécie. É preciso ser o verdadeiro homem. Segundo Connell (1995, p. 31), o verdadeiro homem é a criação mais perfeita do machismo e

ele ostenta um *ideal masculino que enfatiza a dominação sobre as mulheres, a competição entre os homens, a exibição da agressividade, a sexualidade predadora*.

O aprendizado das masculinidades em sociedades machistas, como a nossa, é um processo longo e cotidiano. Desde os primeiros anos, os meninos – sim, em sociedades como a nossa, a preocupação mais efetiva é com os meninos – são incentivados a perder a sensibilidade e a capacidade de emocionar-se diante das situações mais triviais e acerrar-se da técnica mais dura, porque ela representa o ideal de homem a ser perseguido. *Brokeback Mountain* é exemplar nisso ao retratar a trajetória de Ennis, especialmente. Os seus conflitos com relação aos sentimentos por Jack parecem colocar em tela elementos que, supostamente, estariam fora do lugar.

Todavia, como lembra Castañeda (2006, p. 77),

[...] todos os homens foram meninos um dia, com toda a inocência e fragilidade que isso implica; e nas sociedades machistas, tornar-se homem constituiu para muitos deles um despertar cruel, no qual tiveram que se despojar, pouco a pouco, do melhor de si mesmos.

Essa autora destaca que desde muito cedo os meninos precisam aprender a sufocar qualquer diferença ou inaptidão. Precisam assemelhar-se, ainda que isso represente uma afronta aos seus desejos mais íntimos. Esse processo não se faz sem traumas. Assim, crianças sensíveis, tímidas, estudiosas são facilmente rotuladas de homossexuais, sem mesmo entenderem o que isso significa. E mais, muitas vezes, sem qualquer interesse pelo homoerotismo.

Conforme Matthew Gutmann (1999), a discussão sobre masculinidades possui uma profunda ligação com a sexualidade, a qual é parte fundamental de uma masculinidade ainda muito identificada com uma fundamentação anatômica. Em última análise, o foco de diferenciação entre as identidades é a origem biológica, o que é determinante para uma lógica cultural que construiu os mundos binários que dão origem e separam homens e mulheres.

Por trás dessa disputa em torno das sexualidades majoritárias, estão disputas de poder. Mais do que afirmar uma sexualidade, um gênero, se quer afirmar uma lógica de mando, do qual esses elementos são partes constituintes fundamentais, uma vez que contribuem para a manutenção de uma mesma representação de autoridade e de verdade há milênios em vigor, pelo menos no Ocidente. Outra vez, os exemplos de Ang Lee em *Brokeback Mountain* são de

uma verossimilhança destacável. A história parece bastante real, pois as relações com diferentes realidades vividas ou conhecidas permitem inúmeras aproximações.

Performances de gênero em disputa

Há em *Brokeback Mountain*, na minha percepção, uma sugestão possível de debate sobre gênero e sexualidade. Há, com razoável nitidez, aquilo que Anne Fausto-Sterling (2002) chama de *dualismos em duelo*, isto é, uma oposição latente e também manifesta entre natureza (sexo) e cultura (gênero). Para fazer eco a esse debate acalorado e antigo, a produção do filme encena o amor entre dois homens no ambiente de maior expressão da masculinidade estadunidense, o mundo dos caubóis.

Essa tensão entre sexo e gênero é estruturada de maneira mais evidente, talvez, entre os modelos biomédicos que ligam sexo a uma estrutura fisiológica dos seres humanos, em contraposição a algumas visões culturalistas de que sobre o sexo biológico seriam atribuídas representações culturais chamadas de *gênero*. Assim, seriam os atributos biológicos, especialmente os órgãos genitais, que configurariam as diferenças entre os sujeitos. A crítica do filme é a determinada lógica vigente que reproduz esse modelo.

Fausto-Sterling é enfática ao apontar o quanto essa visão biológica foi eficiente e como ela transformou-se rapidamente em um paradigma amplamente aceito, tão aceito quanto pouco explicativo das diversidades. Segundo essa visão, há não apenas uma estrita correspondência entre sexo e gênero, mas também uma cristalização do gênero, na total dependência de uma natureza sexuada (essencial).

Como vemos no filme, até nos corações mais *durões* de caubóis muito *machos* pode surgir o interesse afetivo, sexual e erótico por um outro sujeito de mesmo sexo biológico. Tal situação, muito comum na vida social, mostra como há uma ruptura em supostas verdades atemporais que se inspiram em modelos biológicos naturalizados. As construções sociais de todas as ordens também materializam sujeitos, e essas materializações são operadas em diferentes contextos. Logo, é problemática essa via de mão única que parece desdobrar o gênero do sexo.

As tentativas de diversas autoras e de uma linhagem de estudos apresentam-se no sentido de compreender que as representações de gênero podem ser múltiplas e absolutamente fluidas, dependendo das interações

estabelecidas. Nesse sentido, não há um ou dois modelos de gênero, nem mesmo uma ou duas formas de representá-lo. Assim, a chave parece ser pensar gênero de maneira contextual e contingente.

Talvez se Ennis ou Jack soubessem dessas informações suas vidas tivessem sido menos duras e, igualmente, talvez eles tivessem tido coragem (palavra complicada de ser usada) de romper com a lógica rural/tradicional na qual estavam inseridos, podendo ter se aventurado em alguma metrópole próxima onde o diálogo com formas outras de expressão da sexualidade seria mais bem estabelecido.

O conceito de gênero, parece-me, torna-se, no que concerne ao amor entre os caubóis no filme, uma alternativa para pensar as diferenças sociais que opõem homens e mulheres. Essa categoria apresenta-se como mais oxigenada, sobretudo, do que a categoria patriarcado, muito utilizada pelos primeiros movimentos feministas. A categoria patriarcado padecia de uma fixidez e de uma colagem do sexo biológico ao gênero, além de apresentar-se como uma forma universalizada de opressão.

Corroborando esse debate, Adriana Piscitelli (2002, p. 11) mostra que

[...] o conceito de gênero começou a ser desenvolvido como uma alternativa ante o trabalho com o patriarcado. Ele foi produto, porém, da mesma inquietação feminista em relação às causas da opressão da mulher. A elaboração deste conceito está associada à percepção da necessidade de associar essa preocupação política a uma melhor compreensão da maneira como o gênero opera em todas as sociedades, o que exige pensar de maneira mais complexa o poder. Vemos, assim, que as perspectivas feministas que iniciaram o trabalho com gênero mantêm um interesse fundamental na situação da mulher, embora não limitem suas análises ao estudo das mulheres.

Piscitelli (2002) esclarece como há avanços no debate sobre gênero e como estes extrapolam a abordagem da temática *mulheres*, embora a opressão das mulheres ainda seja um tema recorrente no olhar dos estudos de gênero e mola propulsora de outros estudos correlatos e pesquisas afins em diferentes culturas.

Os pontos suscitados por essa autora estão presentes no artigo pioneiro de Gayle Rubin (1975), no qual há a introdução do conceito de gênero no debate feminista para tratar da opressão das mulheres. Rubin traz esse

conceito para o debate feminista e começa, por meio dele, a pensar um sistema meticulosamente estabelecido que desconsidera e secundariza as mulheres³.

O artigo de Rubin, *O tráfico de Mulheres: Notas sobre a Economia Política do Sexo* (1975), funciona como uma arqueologia da gênese da opressão e subordinação social das mulheres. Nesse processo, ela propõe um debate com Freud e Lévi-Strauss que lhe possibilita, de maneira crítica, construir o que ela define como sistema sexo/gênero, isto é, uma série de mecanismos que acabariam por legitimar a opressão das mulheres.

Para Rubin, o sistema sexo/gênero compõe-se de ferramentas sociais e culturais que transformam o sexo biológico no sentido de modelá-lo. Essa transformação ocorre especificamente no âmbito da reprodução e da sexualidade. Há uma ligação intrínseca estabelecida entre eles. A crítica de Rubin se dá no sentido de pensar o sexo e o sexual para além do sistema reprodutivo. Refletir sobre o sistema sexo/gênero é perceber relações que extrapolam esses âmbitos e que se inserem na dimensão social (RUBIN, 1975).

No diálogo com Lévi-Strauss, Rubin enxerga a *troca de mulheres* instituindo parentesco, tal como o autor, vendo ali não somente isso, mas também a gênese da opressão das mulheres e a instituição do gênero como uma forma de pensar diferenças entre homens e mulheres. Além disso, e em perfeita relação, haveria uma colagem entre sexo e gênero. Fica claro, ainda, que o parentesco, enquanto instituição social, estabelece as diferenças hierárquicas entre uns e outras e joga para a cultura a constituição das diferenças no plano biológico (RUBIN, 1975).

As mulheres são as dádivas trocadas entre os homens. Elas são objetificadas. A troca é uma relação estabelecida entre homens à revelia das mulheres e isso se dá no âmbito social, não estando no mundo da biologia. O simples fato de ser mulher já permite que esse sujeito seja moeda de troca. Não é necessária uma situação extraordinária, como quando se comercializam homens na condição de escravos, por exemplo.

³ Reproduzo aqui a nota bastante explicativa de Adriana Piscitelli sobre a gênese do conceito de gênero, segundo Donna Haraway: "O termo gênero foi aplicado à diferença sexual pela primeira vez em linhas de pesquisa desenvolvidas por psicólogos estadunidenses. O termo identidade de gênero foi introduzido pelo psicanalista Robert Stoller em 1963, no Congresso Psicanalítico de Estocolmo. Stoller formulava o conceito da seguinte maneira: o sexo estava relacionado com a biologia (hormônios, genes, sistema nervoso, morfologia) e o gênero com a cultura (psicologia, sociologia). O produto do trabalho da cultura sobre a biologia era a pessoa "acabada" *gendered*, homem e mulher". HARAWAY, Donna. *Gender for a marxist dictionary*. In: _____. *Symians Cyborgs and Women*, 1991.

A compreensão do lugar da mulher aparece no filme de maneira dúbia. Ora ele assenta-se em uma perspectiva que se aproxima do exemplificado por Gayle Rubin, em que se destaca essa passividade. Tal assertiva aplica-se a todas as mulheres com as quais Ennis Del Mar se relaciona. Por outro lado, percebo como diferente a situação de Jack, em que ele, ainda que caubói, aparece feminilizado no filme, sendo sua mulher alocada no lugar ativo e proeminente da vida familiar comumente associado a uma figura masculina.

Esses lugares das mulheres das personagens principais, acredito, exemplificam como a categoria gênero, no âmbito social, funciona como divisora dos sexos. Se o parentesco se baseia no casamento, é preciso que sujeitos masculinos e femininos sejam estabelecidos como homens e mulheres para concretizar suas uniões. No entanto, quando a mulher ocupa um lugar tradicionalmente preenchido por homens parece que algo está errado ou em desajuste. Não há questionamentos para as mulheres de Ennis, porque elas são passivas diante dele. E é isto que certa moral estabelecida espera das mulheres. O mesmo não se pode dizer da esposa de Jack, pois, ali, ele parece ser polo feminino e frágil.

Ainda seguindo as ideias de Rubin, do ponto de vista da psicanálise, com quem ela também dialoga, especialmente com Freud, vemos a estruturação e a categorização dos gêneros como resultantes de processos e complexos, algumas vezes baseadas no dimorfismo sexual. Centrada na ideia da preponderância do falo, a psicanálise estabelece hierarquias entre possuir ou não o falo (concreto e simbólico) e, a partir dessa condição, são depreendidas funções sociais específicas para os corpos sexuados. Há, sobretudo, a arbitrária necessidade de castração de desejos entre figuras do mesmo sexo biológico, introduzindo o dimorfismo sexual como a forma de desejo e relacionamento *normal* e esperada.

Além disso, segundo Rubin, a fase edipiana que conforma a heterossexualidade como regra, a diferenciação entre os sexos e os direitos proeminentes do homem tem muita correspondência com o sistema de parentesco, em que há a clara divisão entre os sexos, as normas reguladoras da sexualidade e a heterossexualidade compulsória, sem contar com os direitos entre homens e mulheres absolutamente desconectados (RUBIN, 1975).

Todo esse debate desemboca no trabalho empreendido por Judith Butler. Em sua abordagem, vemos a desconstrução total da categoria sexo, a ponto de a autora aferir que o sexo foi, desde sempre, gênero. Em *Problemas de Gênero* (2003), por exemplo, Butler apresenta a ideia de uma matriz

heterossexual, a qual confere inteligibilidade e legitimidade às performances de gênero e às diferentes sexualidades. De acordo com a matriz heterossexual, deve haver uma correspondência entre sexo, gênero e desejo. Somente essa correspondência garante a normalização da sociedade.

Em outras palavras, se a pessoa é masculina (sexo), ela deve apresentar-se socialmente como homem (gênero) e interessar-se sexual e eroticamente (desejo) pelo feminino (sexo), isto é, uma mulher (gênero), que, por sua vez, faz o caminho contrário. A matriz heterossexual constituiu, por meio da linguagem, aquilo que é inteligível culturalmente (as convenções) e, conseqüentemente, os sujeitos (BUTLER, 2003).

Esse percurso transforma-se, por meio das relações de poder, em leis sociais; leis de normalidade. Leis que regem, para além do judiciário, o mundo moral e social. Todos os atos que, de alguma forma, não sejam compreendidos pela matriz de inteligibilidade cultural, desdobrada da matriz heterossexual (correspondência entre sexo, gênero e desejo), apresentam-se como atos subversivos.

A sensação que fica é a de que o filme de Ang Lee toca essas questões. A relação entre os dois caubóis, mais do que qualquer coisa, não é inteligível para os limites daquele lugar, nem daquele tempo e, por isso, fica a impressão no desfecho (imaginário ou real) de que é preciso que, ainda que traumáticamente, tais relações não sejam incentivadas ou permitidas.

Considerações finais

Há uma série de possibilidades de se olhar para *Brokeback Mountain*. O filme abre um leque de situações que merecem ser analisadas por diferentes áreas. Escolhi, por uma questão de gosto e proximidade teórica, fazer uma discussão sobre masculinidades e gênero. Tais assuntos são relacionados entre si e, na minha visão, dão a tônica da película de Ang Lee. Mais do que isso, permitem diálogos possíveis com algumas vertentes das Ciências Sociais, especialmente o feminismo pós-estruturalista.

A história é bastante atual. Não apenas nos Estados Unidos, onde, na recente reeleição de Barak Obama, alguns estados aprovaram a oficialização do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, reacendendo o debate, talvez nunca apagado, entre os setores conservadores e progressistas da sociedade estadunidense. No caso do Brasil, é um dos assuntos do dia, parecendo ganhar força em parte da sociedade civil a iniciativa de criminalização da homofobia e legalização do casamento civil igualitário.

No entanto, tal como no filme, ainda hoje o amor entre dois homens, ou duas mulheres, continua não sendo ponto pacífico. Há vozes contundentes contrárias a ele. Tal situação também permeou *Brokeback Mountain*, inclusive as próprias personagens principais, pois, frutos de seu tempo, reproduziam, mesmo de maneira atabalhoada, alguns valores que talvez elas próprias, de alguma forma, desaprovavam.

Se é possível emitir algum juízo, e para os limites deste texto isso pode servir como uma possibilidade de encaminhamento, por derradeiro, entendo como urgente uma conduta socialmente menos orientada por valores homofóbicos. Isso se justifica na medida em que talvez se desejem finais um pouco mais felizes para todas as pessoas, para quaisquer pessoas, independentemente dos sexos de seus amores, caso contrário, o desfecho imagético da película de Lee será parte de uma realidade indesejada. Pensar o futuro e o mundo do futuro pode ser, desde já, comprometer-se com o respeito à diferença. Se assim não for, muitos homens e mulheres continuarão a chorar – escondidos – por amores impossíveis, abraçados a camisas ensanguentadas. Na contramão de *Brokeback Mountain*, nós podemos escrever um final diferente.

Referências

- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASTAÑEDA, Marina. *O machismo invisível*. São Paulo: A Girafa, 2006.
- CONNEL, Robert W. Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.
- FAUSTO-STERLING, A. Dualismos em duelo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 17/18, p. 09-79, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GUTMANN, M. C. Traficando con hombres: la antropología de la masculinidad. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 10, p. 245-286, 1999.
- HARAWAY, D. Gender for a Marxist Dictionary: the Sexual Politics of a Word. In: _____. *Simians, Cyborgs, and Women: the Reinvention of Nature*. Londres: Free Association Books, 1991. Cap. 7, p. 127-148.
- KIMMEL, Michael S. *A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas*. Horizontes Antropológicos/UFRGS. IFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre: PPGAS, 1998.
- LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- MAUSS, M. Técnicas do corpo. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974. p. 399-422.
- PISCITELLI, A. Recriando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, L. (Org.). *A prática feminista e o conceito de gênero*. Textos Didáticos, n. 48. Campinas: IFCH-Unicamp, 2002. p. 7-42.
- PROULX, Annie. *O Segredo de Brokeback Mountain*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.
- RUBIN, G. S. The traffic in women: notes on the political economy of sex. In: RAITER, R. (Ed.). *Toward anthropology of women*. Nova York: Monthly Review Press, 1975. p. 157-210.

